



Introdução

O presente trabalho teórico inserido no Laboratório de Cultura Arquitectónica Contemporânea, do Mestrado Integrado em Arquitectura do ISCTE-IUL, procura fazer uma análise sobre o tema “*Optimist Suburbia*” - uma periferia perfeita. Para este estudo foram identificados três casos de estudo que se revelaram promissores numa época de expansão desmedida das nossas periferias.

O caso de estudo aqui apresentado procura perceber o desenvolvimento da Urbanização da Portela (1960-1979), autoria do Arquitecto Fernando Silva (1914-1983), uma das suas obras de maior impacto ao nível do urbanismo. A Urbanização da Portela é um exemplo de excelência da expansão das periferias que se desenvolveram entre as décadas de 60 e 80, do século XX em Portugal. Pretende-se referenciar um conjunto de questões chave que estiveram na origem do planeamento e na gestão dos espaços.

Partindo da análise do trabalho de investigação realizado pela arquitecta Isabel Monteiro¹ sobre o arquitecto Fernando Silva - que nos colocou num ponto de conhecimento amplificado da sua obra – permitiu um maior investimento numa pesquisa local e de interacção com os habitantes, que levou a um melhor entendimento da atmosfera urbana do bairro. Foram estabelecidos alguns contactos com pessoas próximas ao trabalho e vida do arquitecto e do desenvolvimento do Plano de Urbanização. Para identificar estas

¹ Isabel Monteiro, «A obra do arquitecto Fernando Silva (1914-1983): um arquitecto da "geração esquecida"», Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2007

relações foi elaborado um inquérito² que se disponibilizou *on-line* e em formato impresso. Foi também agendada uma apresentação³ preliminar do projecto para os moradores, em colaboração com a Junta de Freguesia local. Com este inquérito conseguimos apurar uma amostra significativa dos habitantes da Urbanização da Portela de Sacavém e perceber o motivo que os levou a escolher este bairro para viver.

Neste estudo será também de realçar a importância da interpretação da Carta de Atenas⁴ (1933) no desenvolvimento do plano, que revela uma forma de expansão da cidade que, no decorrer do tempo, se declara como um modelo de consolidação do território e assume uma maior dimensão e protagonismo, em contraste com uma mancha que se expande sem planeamento com um tecido variado e desordenado, onde o projecto urbano foi posto de parte.

A pesquisa realizada para a elaboração desta investigação foi sempre acompanhada e informada pela leitura de diversas obras e artigos que revelam a produção arquitectónica nacional e internacional, bem como os trabalhos de investigação desenvolvidos no

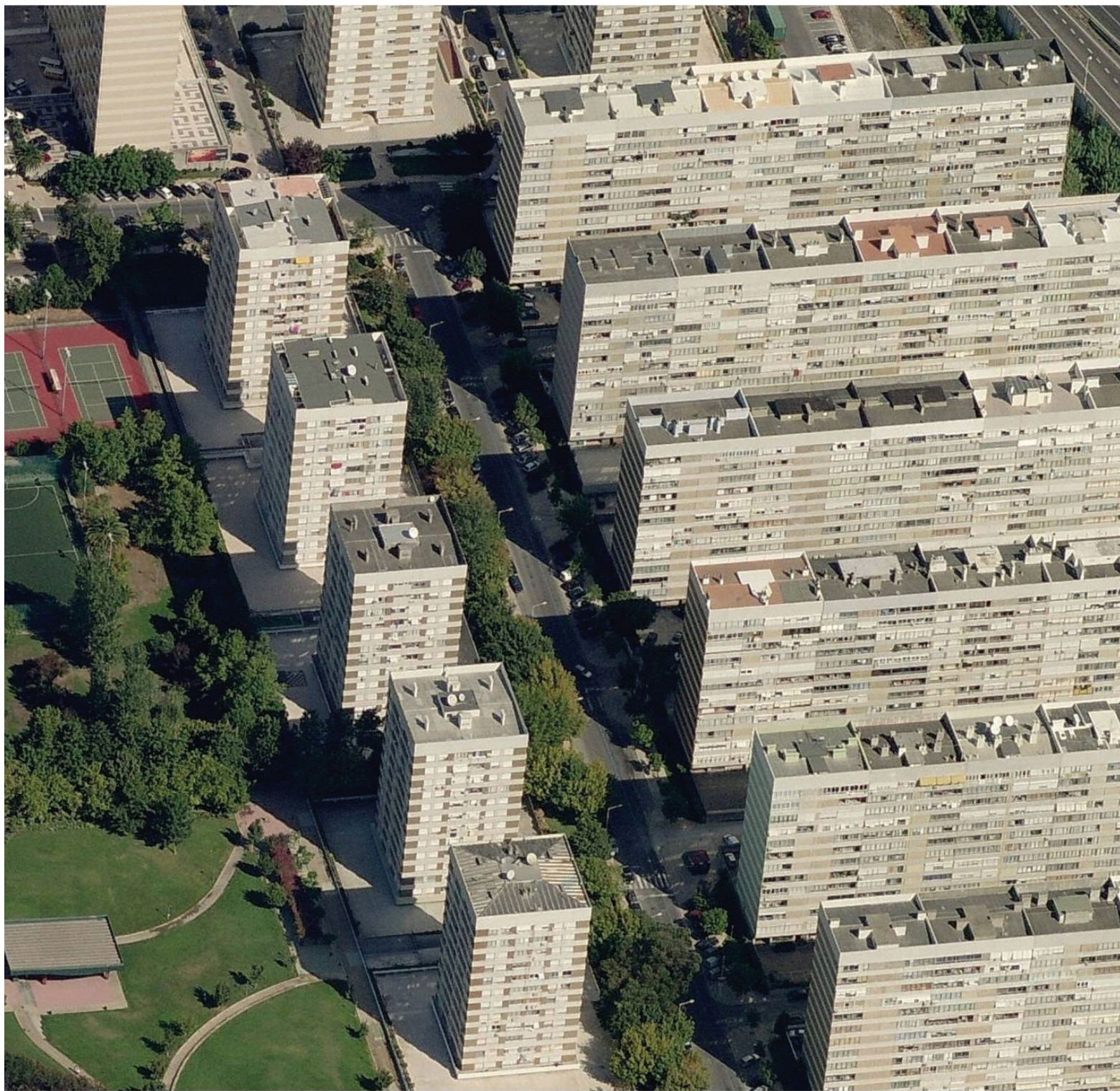
² Realizado entre os dias 19 e 30 de Julho de 2010 em colaboração com a Junta de Freguesia da Portela. (Consultar em Anexos)

³ Apresentação do projecto de investigação *Optimist Suburbia*-uma periferia perfeita por Bruno Ferreira, Débora Félix, Hugo Coelho e Salvador Menezes. Decorreu nas instalações da Junta de Freguesia da Portela no dia 25 de Agosto de 2010. Contou com a presença de 12 moradores que debateram o estado da urbanização e ficaram a conhecer os princípios de origem do plano.

⁴ Carta de Atenas: manifesto urbanístico redigido no IV Congresso Internacional de Arquitectura Moderna (CIAM) celebrado a bordo do *Patris II* em 1933 na rota Marselha-Atenas-Marselha (o congresso não pôde ser efectuado em Moscovo por problemas com os organizadores soviéticos) sendo publicado em 1942 por Le Corbusier. A Carta de Atenas aposta por uma separação funcional dos lugares de residência, lazer e trabalho pondo em causa o carácter e a densidade da cidade tradicional. Propõe-se a colocação dos edifícios em amplas zonas verdes pouco densas. Estes conceitos tiveram uma grande influência no desenvolvimento das cidades europeias depois da Segunda Guerra Mundial e no desenho de Brasília, foram a grande base da exploração e investigação arquitectónica efectuada na segunda metade do século XX.

Arquivo Municipal de Loures que nos proporcionaram o conhecimento aprofundado do desenvolvimento da urbanização e do processo de obra.

Com este trabalho não se pretendeu construir um guião pormenorizado da evolução da Urbanização da Portela, mas sim uma primeira abordagem. Como previsto devido à categoria académica em que este trabalho se enquadra, foram efectuados os levantamentos de alguns elementos necessários à compreensão do projecto, que podem auxiliar na constituição de uma futura pesquisa mais aprofundada sobre este tema. Foi também nosso objectivo lançar algumas questões sobre as possíveis influências que o arquitecto terá tido ao elaborar o projecto da Urbanização da Portela.



1. O Bairro da Portela de Sacavém no contexto do Urbanismo dos anos 60/70 do séc. XX. Contexto Histórico, carências habitacionais dos anos 60

Após o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) a Europa tornou-se o «*campo da experimentação Urbanística do século XX*»⁵. A teorização de modelos criados durante o Movimento Moderno e as necessidades de realojamento massivo possibilitaram o crescimento e expansão das cidades, embora décadas antes já tivessem sido experienciados modelos habitacionais em grande escala, como por exemplo os *Siedlungen* alemães ou os *Hoff* austríacos.

Ao observar o século XX em Portugal, constata-se que a profissão de arquitecto começou a ganhar um crescente reconhecimento por parte da sociedade, cujo peso político culminou com Duarte Pacheco (1899-1943) como Ministro das Obras Públicas (1933-1936 e 1938-1943). O papel da arquitectura adquiriu também uma nova dimensão de cariz social, ético e político, com influências do Movimento Moderno, bem evidente no I Congresso Nacional de Arquitectura de 1948. É a partir das conclusões deste Congresso que, na década de 50, os arquitectos começaram a propor um “novo tipo de edifícios” segundo os conceitos modernos como por exemplo: o Hotel Ritz (1954-59) do arquitecto Pardal Monteiro (1897-1957); os edifícios do cruzamento da Av. Estados Unidos da América com a Av. de Roma (1952-1958) dos arquitectos Filipe Figueiredo (1913-1990) e José Segurado (1913-1988); os blocos da Av. Infante Santo (1952-1956) dos arquitectos Alberto Pessoa (1919-1985), Hernâni Gandra (1914 -1988) e João Abel Manta (n.1928); ou o Bairro das “Estacas” (1949-1953) da autoria dos arquitectos Formosinho

⁵ Nuno Grande, “A cidade como um Ford”, in “Arquitectura & Não”, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2005, p.27-31



1. Bairro de São João de Deus, também conhecido por bairro das Estacas.

Sanchez (n.1922) e Rui d'Autouguia (1917-2006). Em Lisboa estes são exemplos de excepção na aplicação de uma cultura arquitectónica moderna, através dos princípios defendidos teoricamente por Le Corbusier e pelo Movimento Moderno que motivaram os arquitectos Portugueses a proporem edifícios que estabeleciam uma nova relação com a cidade.

António Oliveira Salazar (1889-1970) com o seu regime ditatorial (1932-1968) limitou o progresso urbanístico Português às políticas desenvolvidas nas restantes cidades Europeias, que procuraram amplificar as suas cidades através de estratégias de carácter socialista.⁶

A Alemanha unificada, pela sua privilegiada situação económica, é o primeiro país a efectivar extensos programas de revitalização destes complexos habitacionais. As experiências anteriores oferecem o embasamento crítico necessário para programas similares que se iniciam na Europa Oriental, ainda que o panorama político-económico da maioria destes países, à época, mal possibilite projectos de semelhante natureza.

No final dos anos 60 a estabilização económica das duas Alemanhas ocasionou a expansão da escala dos programas habitacionais e esta etapa caracteriza-se pela realização de grandes conjuntos habitacionais ou *Großsiedlungen* nas periferias urbanas. Entre 1971 e 1989 foram construídas na extinta RDA (República Democrática Alemã)

⁶ Arquitectura Socialista: entende-se por uma arquitectura que pretende responder a uma carência habitacional em larga escala com meios exclusivamente económicos, possibilitando um acesso democratizado à habitação. Uma arquitectura de um novo mundo pragmático com carências de respostas instantâneas. Em que o arquitecto deixa de ser o artista para corresponder a um "organizador do espaço" seguindo meios técnicos possibilitados pelas revoluções industriais para criar formas *standartizadas* de resolver os problemas criando modelos e maximizando as construções, para grupos populacionais com hábitos semelhantes. (Interpretação da leitura de de Hannes Mayer em "El arquitecto en la lucha de clases y otros escritos")



2. Iconografia dos Anos 60 Alemanha.

675.000 unidades habitacionais somente com os chamados *Plattenbauten*⁷. Semelhante fenômeno verificou-se também na Europa Ocidental, em particular na França, na Inglaterra, na Holanda e na Alemanha. Somente em Berlim Ocidental foram realizadas 195.000 unidades a partir dos anos 60⁸.

Na Alemanha Oriental, praticamente todos os novos edifícios residenciais, desde 1960, foram construídas neste estilo, de uma forma relativamente pouco dispendiosa e de uma maneira rápida, para resolver a grave carência habitacional do país que havia sido causada pelos bombardeamentos da guerra e do grande fluxo de refugiados. Havia vários desenhos comuns *Plattenbau*. Os desenhos eram flexíveis e poderiam ser construídos como torres ou linhas de apartamentos de várias alturas.

Tomando como base os modelos criados no Movimento Moderno e pelos princípios da Carta de Atenas para o desenvolvimento de planos urbanos que davam resposta às novas necessidades habitacionais, os novos edifícios eram altos e estreitos, possuíam formas paralelepípedicas que permitiam um crescimento compacto, dando à cidade novas características cada vez mais cosmopolitas. Estes edifícios eram caracterizados por uma construção rápida e eficaz, potenciados pela pré-fabricação e pela repetição de modelos. A ideia de modernidade, de um novo espírito que se implantava, pertencia

⁷ Plattenbau (Plattenbauten plural) é do alemão a palavra para um edifício cuja estrutura é construída em grande dimensão, pré-fabricados, lajes de concreto. A palavra é um composto de *Platte* (painel) e *Bau* (construção). *Plattenbauten* é um método de construção pré-fabricada e foi usado extensivamente na Alemanha Ocidental e em outros lugares, especialmente em habitação pública.

⁸ Pedro Moreira, "Habitação social e pré-fabricação, A herança socialista em perspectiva", *Arquitextos*, 014.03 de Julho de 2001, Acedido em 20 de Setembro de 2010, em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.014/866>>



3. Grindel Blocks, *Plattenbau*, Hamburg

aos ideais de um homem-tipo que correspondia a necessidades e desejos-tipo, repetíveis num espaço, tornando-o homogéneo.

A maior parte das extensões urbanas da ex-URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) e nos países socialistas da Europa Oriental seguem esta lógica para a criação de habitação em larga escala.

Torna-se evidente a consequência que o urbanismo delineado a longo prazo. Pretendia-se que a arquitectura e urbanismo dessem resposta formalmente às ideologias socialistas, como também aos idealismos desta geração de arquitectos que, através do planeamento urbano e da arquitectura, podiam implementar uma forma capaz de criar uma sociedade democrática e humanista, dando uma resposta eficaz às necessidades habitacionais e proporcionando um acesso democratizado à habitação.

Por toda a Europa, paralelamente à remodelação dos centros urbanos, fortemente devastados pela guerra, «procurou-se criar casas com um objectivo revolucionário»⁹, tendo por base uma luta social pelo direito à habitação. Desejou-se assim resolver muitos problemas complexos de desigualdade social e territorial herdados dos planos anteriores. As preocupações urbanas reflectiram-se numa regulamentação que considerou sobretudo as questões da higiene, ventilação, habitação, economia e de circulação.

⁹ Harold Olbrich, "A arquitectura e Urbanismo na República democrática Alemã: aspectos e problemas da alternativa socialista", in Binário, nº201, Julho-Agosto, 1975, p.284 – 294

Em Portugal, com Marcelo Caetano (1906-1980) e o seu Governo (1968-1974) e, mais tarde, a revolução de Abril de 1974, foi clara a abertura do país aos investidores privados e estrangeiros na construção¹⁰, o que potenciou o crescimento de algumas áreas urbanas e estimulou o alastramento da construção pelas periferias. Surgiu assim um território indefinido de limites entre urbano e rural, dando origem a novas urbanizações concretizadas de forma fragmentada, sobre um cadastro rural e sem um planeamento à escala regional. São disso exemplo as expansões dos concelhos da área metropolitana de Lisboa.

Com as referências apresentadas neste capítulo pretende-se demonstrar possíveis influências na obra do Arquitecto Fernando Silva e que podem ter alguma relação com a Urbanização da Portela. O Arquitecto Fernando Silva viu-se obrigado a responder a uma classe que tem necessidades específicas, tendo para isso utilizado um modelo de rapidez e eficácia socialista de repetição tipificada que deu resposta a uma estrutura capitalista promovida na Portela pelo seu promotor, Manuel da Mota.

A questão do desenho diferenciado e identificador do “arquitecto autor” desaparece, neste caso, a favor de um sistema económico, ao contrário do que acontece com arquitectos como Conceição Silva, que continuam a trabalhar para uma classe média/alta mas que procuram soluções mais diferenciadas numa arquitectura de autor.

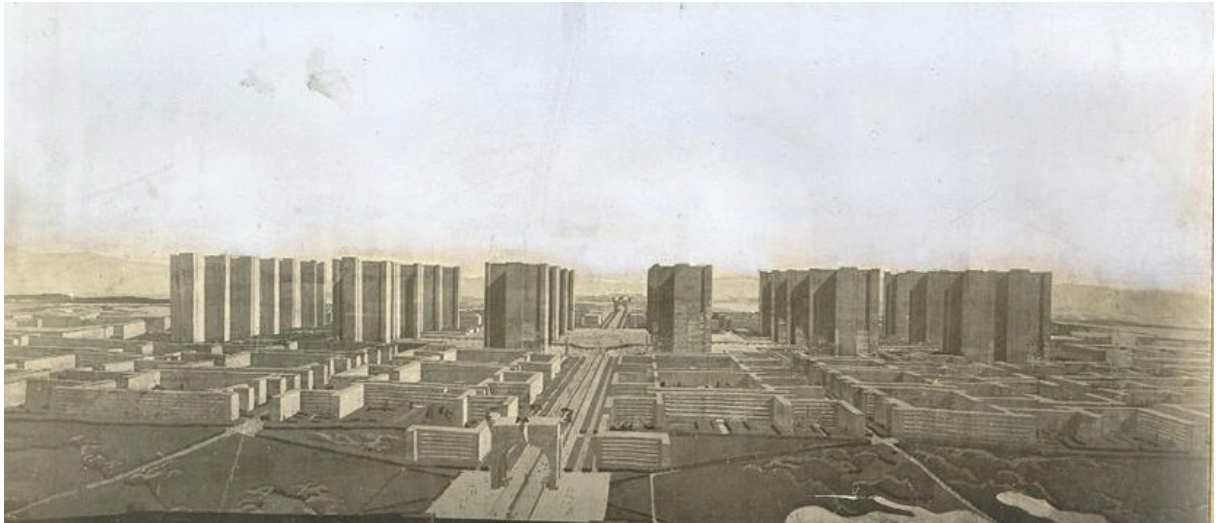
¹⁰ Nuno Grande, “A cidade como um Ford”, in “Arquitectura & Não”, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2005, p.27-31

Optimist Suburbia, A construção da periferia

Em Portugal, as cidades começaram a crescer para fora dos seus limites, acompanhadas por um desenvolvimento agressivo das infra-estruturas rodoviárias que possibilitavam uma rápida deslocação até ao centro da cidade. Os movimentos migratórios das populações rurais e os processos de descolonização foram o principal factor deste crescimento acentuado. A expansão periférica parecia dar resposta à satisfação e à liberdade pretendida pelas classes médias, que ambicionavam viver fora dos centros urbanos.

«Foi o ascensor e o cimento armado, de um lado, e o automóvel, do outro, dirão uns, mais perto da ideologia funcionalista; foi a democratização do habitat a partir das sociais-democracias europeias e do direito ao ambiente são livre, dirão outros na estreia do higienismo social, precursor do ecologismo dos nossos dias; ou foi a pressão da vanguarda modernista centro-europeia e soviética que, desde os anos 20, vinha propondo uma ruptura com as formas urbanas do passado, apoiando-se na libertação tecnológica, mas visando criar um espaço urbano radicalmente novo, dirão os que privilegiam a revolução cultural e, neste caso, a autonomia disciplinar da arquitectura.»¹¹

¹¹ Nuno Portas, 1987 “Conceitos do Desenvolvimento Urbano” in “Os Tempos das Formas”, Guimarães: Universidade do Minho, 2005

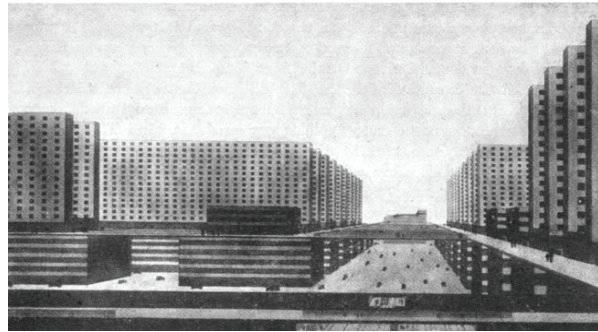
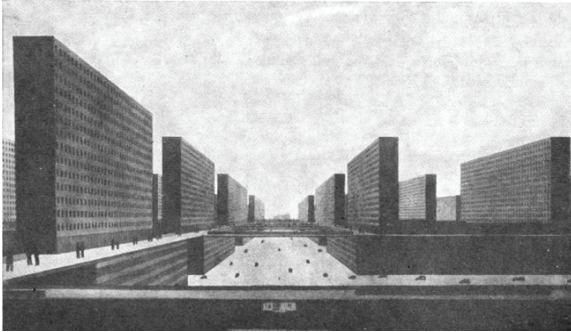


4. Ville Contemporaine, Le Corbusier

O movimento de «periferização»¹², criado sobretudo na Europa e Estados Unidos, surgiu como resposta a uma necessidade das classes médias/altas, com a procura de espaços de qualidade, não densificados, como opção que lhes proporcionavam uma melhor qualidade de vida. Estas classes abandonaram os centros urbanos, onde ficaram a coexistir as classes menos abastadas, sem poder financeiro para se deslocarem e os serviços que acabaram por dominar os centros urbanos. Em Lisboa são exemplo disso o Bairro da Encarnação (1938) ou o Bairro do Restelo (1940) como também a proliferação dos bairros de moradias unifamiliares construídas sequencialmente, como é exemplo a expansão da Costa do Estoril ou das Portas de Benfica.

Para a arquitectura, a questão da periferia surgiu com a industrialização e a expansão das grandes cidades. O desenvolvimento espontâneo e desordenado das periferias alertou os arquitectos para a necessidade do plano urbano. À estratégia arquitectónica moderna que surgiu nesta época como um método eficaz para resolver o crescimento das grandes cidades para fora dos seus limites, dando resposta ao desenvolvimento espontâneo e desordenado das periferias industriais e habitacionais das metrópoles, os arquitectos modernos responderam com modelos que propunham uma dispersão territorial, criando novas centralidades hierárquicas. São disso exemplo: a *Ville Contemporaine* (1922) e *Ville Radieuse* (1930), de Le Corbusier (1887 - 1965); a *Garden City* (1902), de Ebenezer Howard (1850 - 1928); a *Citté Industrielle* (1901 - 1904), de Tony Garnier (1869 - 1948); a *Neue Frankfurt* (1925 - 1930), de Ernest May (1886 - 1970); as cidades lineares dos construtivistas russos; as ampliações periféricas de Bakema e van der Broek; as *New Towns* inglesas; ou ainda os planos urbanísticos de Hilberseimer

¹² Isabel Guerra, "Viver na Periferia", in *Sociedade e Território*, n.º 18, Abril de 1993, [Lisboa: ISCTE], p. 106-108



5. e 6. Rethinking the legacy, cidade vertical ou metrópole. Ludwig Hilberseimer

(1885 -1967). Sustentados nas novas possibilidades mecânicas de mobilidade, os arquitectos modernos, com estes modelos, tentaram implantar uma estrutura territorial planificada e ordenada, fazendo prevalecer uma cultura económica de rentabilização de meios.

Em Portugal no período do Pós-Guerra, tudo adquiriu uma rapidez agressiva e explosiva, surgindo uma expansão urbana descontrolada desenvolvida ao redor das infra-estruturas viárias criadas neste período que não salvaguardou a qualidade de vida das populações e sem a preocupação de definir o que é paisagem natural, urbana ou rural. São disso exemplo as urbanizações criadas ao longo da estrada Nacional 10 de Sacavém a Vila Franca de Xira, onde existe uma sobrecarga evidente da construção da habitação proporcionada pelo desenvolvimento industrial que se realizou no mesmo território.

Na realidade, verificou-se a apropriação dos princípios do Movimento Moderno pelos agentes económicos e, em especial, pelos promotores imobiliários, resultando na sua banalização e subversão pela indústria da construção civil e das novas tecnologias e materiais. Em nome de novas tipologias urbanas e arquitectónicas, viabilizou-se a vulgarização e o lucro desenfreado.

Antecedentes ao plano de urbanização

O tema da habitação nos anos 60, do século XX, em Portugal ainda estava por resolver para uma larga maioria da população recém deslocada para a cidade. Foi assim no decorrer desta década que surgiram as primeiras urbanizações de promoção privada na periferia da cidade de Lisboa, desenvolvidas ao longo das estruturas viárias existentes.

As premissas do Movimento Moderno foram a principal influência para o desenvolvimento de alguns planos desenvolvidos nas periferias, apesar de nem sempre aplicadas de forma correcta. Surgiu como resposta eficaz às necessidades da época de criar estruturas urbanas que obedecessem a ideologias racionalistas e funcionais.

«A arquitectura Moderna é a investigação das maneiras possíveis de organizar o ambiente construído, desde os objectos de uso até à cidade e ao território.»¹³. As principais fases da história da arquitectura foram construídas através das grandes alterações nos métodos de produção, que correspondem aos saltos de desenvolvimento demográfico.

A estratégia operativa das intervenções modernas agregadas em torno dos CIAM (Congressos Internacionais da Arquitectura Moderna) defendia por isso a livre disponibilidade do solo, de modo a garantir a eficácia das operações urbanísticas. Declarou decisivamente, no último ponto da Carta de Atenas, que o «interesse privado subordinar-se-á ao

¹³ Leonardo Benévolo, “O último capítulo da arquitectura Moderna”, Lisboa: Edições 70, 1985

interesse colectivo»¹⁴, tornando esta arquitectura democratizada e com o objectivo de responder à existência das grandes massas populacionais, através não só de promoção habitacional, mas também de viabilização de infra-estruturas e equipamentos de interesse público.

A Urbanização da Portela, que reflecte uma linguagem racionalista, ajustou-se àquilo que eram as necessidades da promoção imobiliária e dos interesses económicos, exigindo modelos eficientes, inteligíveis de implementar e largamente lucrativos como a época exigia.

¹⁴ Carta de Atenas da tradução realizada para Português por Francisco e Maria de Lurdes Castro Rodrigues. Publicada por fascículos na revista "Arquitectura" em 1941.



2. O planeamento Urbano do bairro

Princípios Urbanos e estudos de integração do plano

«O tardo moderno representa de facto uma transição entre a vanguarda moderna e o posterior desastre suburbano. A massificação, standardização, repetição construtiva dos edifícios é um terreno pantanoso no qual para se atingir uma intensidade plástica mínima se torna necessária uma forte atitude conceptual.» Rogério Gonçalves¹⁵

Procurou-se, no planeamento da Urbanização da Portela, uma solução que permitisse uma relação e uma coordenação racional das funções da unidade, conjugando a habitação com os equipamentos sociais, comerciais e a circulação, para proporcionar um ambiente de conforto e segurança para os seus habitantes. A escala e monumentalidade de todo o conjunto resultam da ampla zona central de 285mx300m onde se concentrou o necessário equipamento urbano para uma população estimada de 18.500 habitantes, distribuída por 196 lotes e 4503 fogos.¹⁶

¹⁵ Rogério Gonçalves, "Fernando Silva, Arquitectura desinteressante e repetitiva", in *Documentos de Arquitectura*, n.º1, Fevereiro de 1996, Lisboa, p. 36-47

¹⁶ cf. Fernando Silva, memória descritiva da Urbanização da Portela. Arquivo Municipal de Loures



7. Urbanização da Portela, 1980

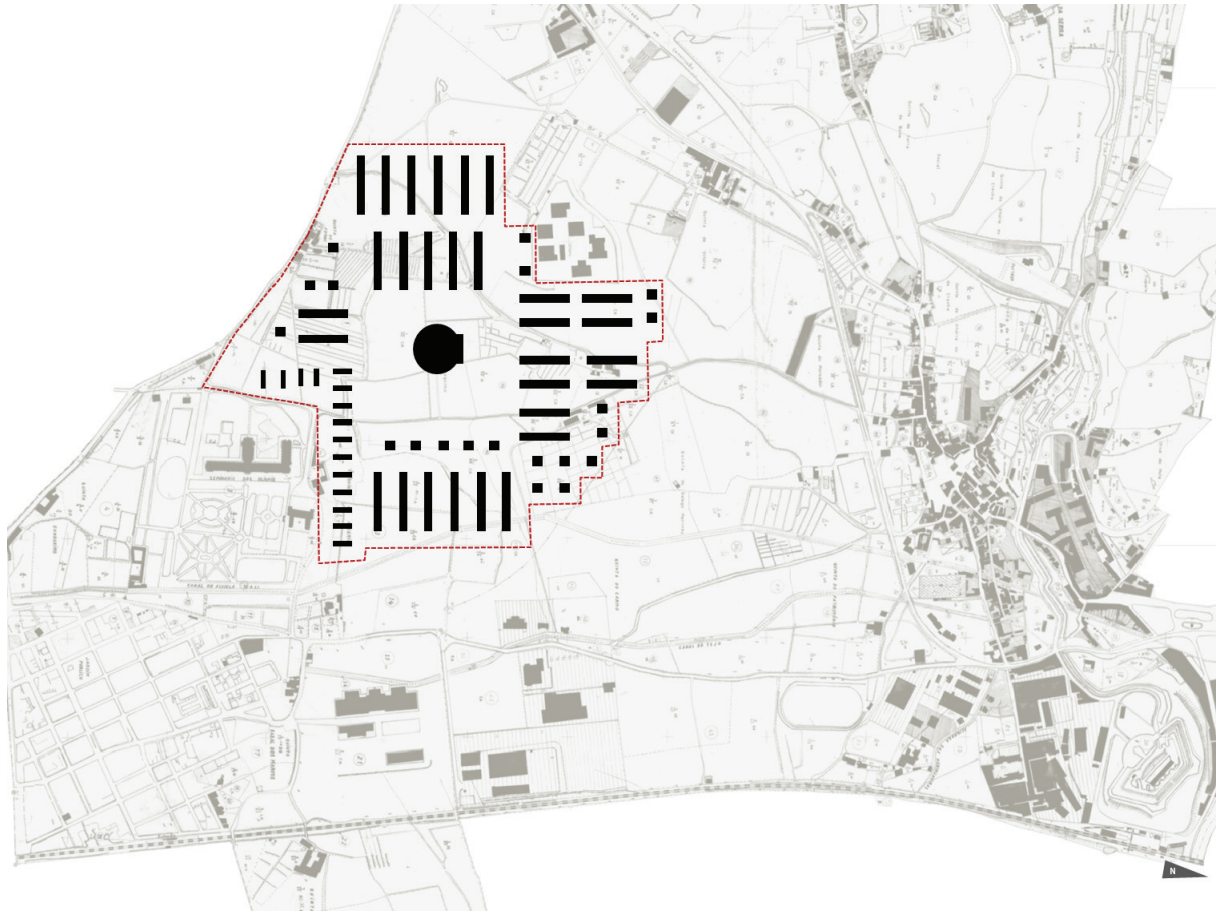
A unidade do conjunto¹⁷; edifícios

Foi desde sempre uma preocupação do Arquitecto Fernando Silva o cumprimento dos projectos para a Urbanização da Portela, apelando ao espírito de cooperação, favorecendo o interesse de todos, tomando como princípio a unidade do conjunto¹⁵. Por vezes, a construção desenvolvida por vários construtores possibilitou a existência de algumas variações nos edifícios que quebraram a uniformidade inicialmente estabelecida pelo arquitecto.

A expressão formal dos edifícios de habitação colectiva, assim como o modo como pou- sam no território, são um dos principais factores que criam esse sentido de unidade. Os edifícios são encarados como uma “*máquina de habitar*”, como declara Le Corbusier, capazes de acolher as obras do homem pertencente a uma sociedade de máquinas, solução encontrada para uma revolução social e económica. São construídos com grande rapidez, pois são desenvolvidos através de um sistema construtivo tipificado, com a economia de recursos formais que caracteriza toda a obra do arquitecto Fernando Silva¹⁸. Na sua totalidade, garantem a unidade pretendida.

¹⁷ Unidade de Conjunto é um dos conceitos mais referenciados pelo arquitecto Fernando Silva como uma das principais dificuldades na execução do plano de urbanização. Esta unidade só era possível se existisse um seguimento fiel ao projecto permitindo uma integridade plástica total. «*Porque a uniformidade é essencial para que se atinja o nível estético e funcional com correspondentes resultados económicos, será preciso, para o interesse de todos, que exista espírito de cooperação, e que por consequência os executores respeitem os projectos, detalhes e especificações.*»; «*Nos exteriores dos edificios e obras complementares incluindo revestimentos de logradouros, floreiras, etc., não serão autorizadas alterações de forma nem expressão ou qualidade dos materiais*» normas descritas no Regulamento da Urbanização da Portela, Processo nº 33.692/OCP Arquivo Municipal de Loures .

¹⁸ Isabel Monteiro, «A obra do arquitecto Fernando Silva (1914-1983): um arquitecto da "geração esquecida"», Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2007



8. Cartografia da zona oriental do Concelho de Loures

Morfologia Urbana do bairro

Estrutura viária, espaço público, estrutura do edificado, espaço verde, equipamentos

Situada entre importantes vias de comunicação rápida de ligação à cidade e com uma localização privilegiada nos limites da cidade de Lisboa, a Urbanização da Portela é um exemplo do progresso e do desenvolvimento que as periferias anunciavam na década de 60 do século XX. Com o objectivo de aliciar uma classe média/alta nacional à procura de uma casa nova, mais tarde, com a chegada das comunidades das antigas colónias ultramarinas, assistiu-se ao crescimento exponencial, quer ao nível da oferta quer da procura.

A 11 de Janeiro de 1965, o Ministro das Obras Públicas aprovou o ante-plano¹⁹ da Urbanização da Portela, que implicava a expropriação dos terrenos referentes às quintas da Vitoria, Casquilho, Ferro, Carmo e Alegria, freguesia de Sacavém, concelho de Loures, num total de 50 hectares para a construção de cerca de 4500 fogos e o respectivo equipamento urbano.

Os prazos estabelecidos para execução das obras de urbanização foram, na 1ª fase, um ano e, na 2ª fase, um ano e meio. Após a aprovação do ante-plano, foram consultadas todas as entidades envolvidas ou que a urbanização poderia vir a envolver.

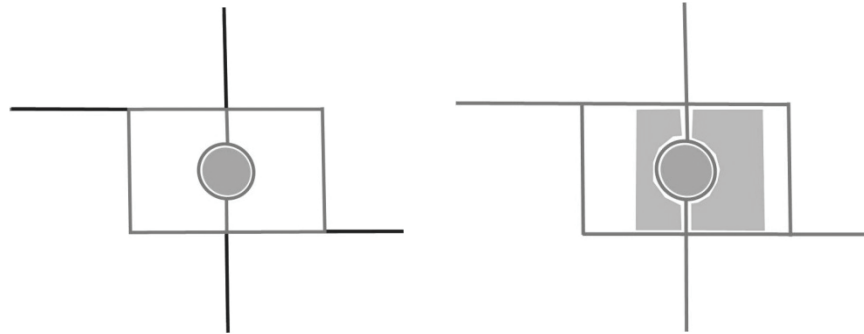
A rede viária foi pensada de forma hierárquica, existindo assim quatro tipos de arruamentos: arruamentos de grande circulação; de circulação secundária; de penetração nos vários

¹⁹ Consultar em Anexos, fonte: Arquitecto Fernando Silva, Urbanização da Portela Processo nº 33 692/OCP. Arquivo Municipal de Loures



9. Fotografia Aérea da zona da Portela, 1994

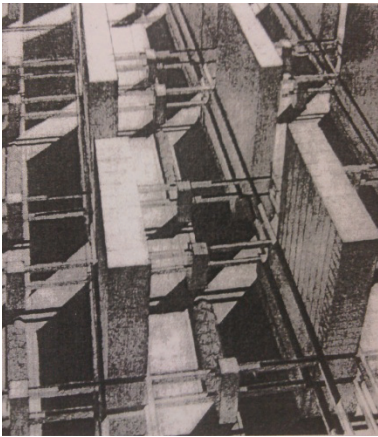
núcleos e de circulação de peões. Existia uma grande preocupação na execução do plano não só nas ligações que privilegiavam o automóvel, como também nas pedestres.



esquemas explicativos da formação do plano de urbanização

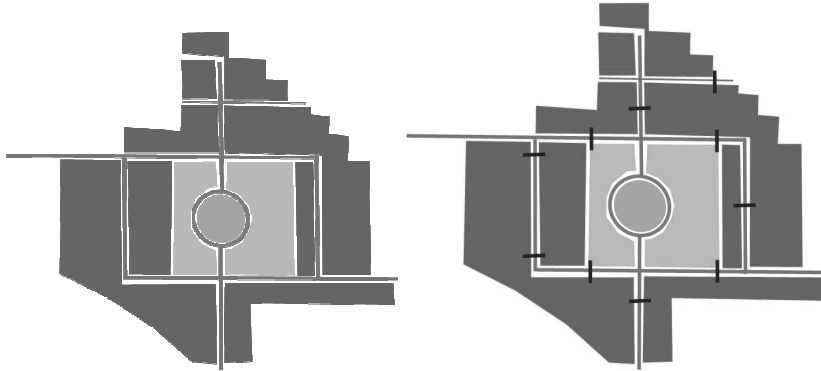
Durante o período de preparação da exposição Mundial de Lisboa, que se realizou em 1998 (EXPO'98), foram efectuadas grandes transformações a nível do território e das infra-estruturas que estabeleceram as ligações à zona oriental da cidade de Lisboa. Com a criação de vias rápidas de acesso provenientes da Auto-Estrada 1 (A1. Lisboa-Porto), e dos acessos à Ponte Vasco da Gama, a Urbanização da Portela viu-se condicionada nos seus limites, sendo nesta época construída a nascente, a ponte viária de acesso à urbanização e efectuadas as ligações que anteriormente não tinham sido aconselhadas pelo Ministério dos Transportes Terrestres à EN6²⁰.

²⁰ Consultar neste capítulo o subtema: "Estudos complementares de correcção do plano envolvendo a autarquia e as entidades afectas ao plano"



10. Propostas de vias aéreas, "Rush City Reformed" Richard Neutra

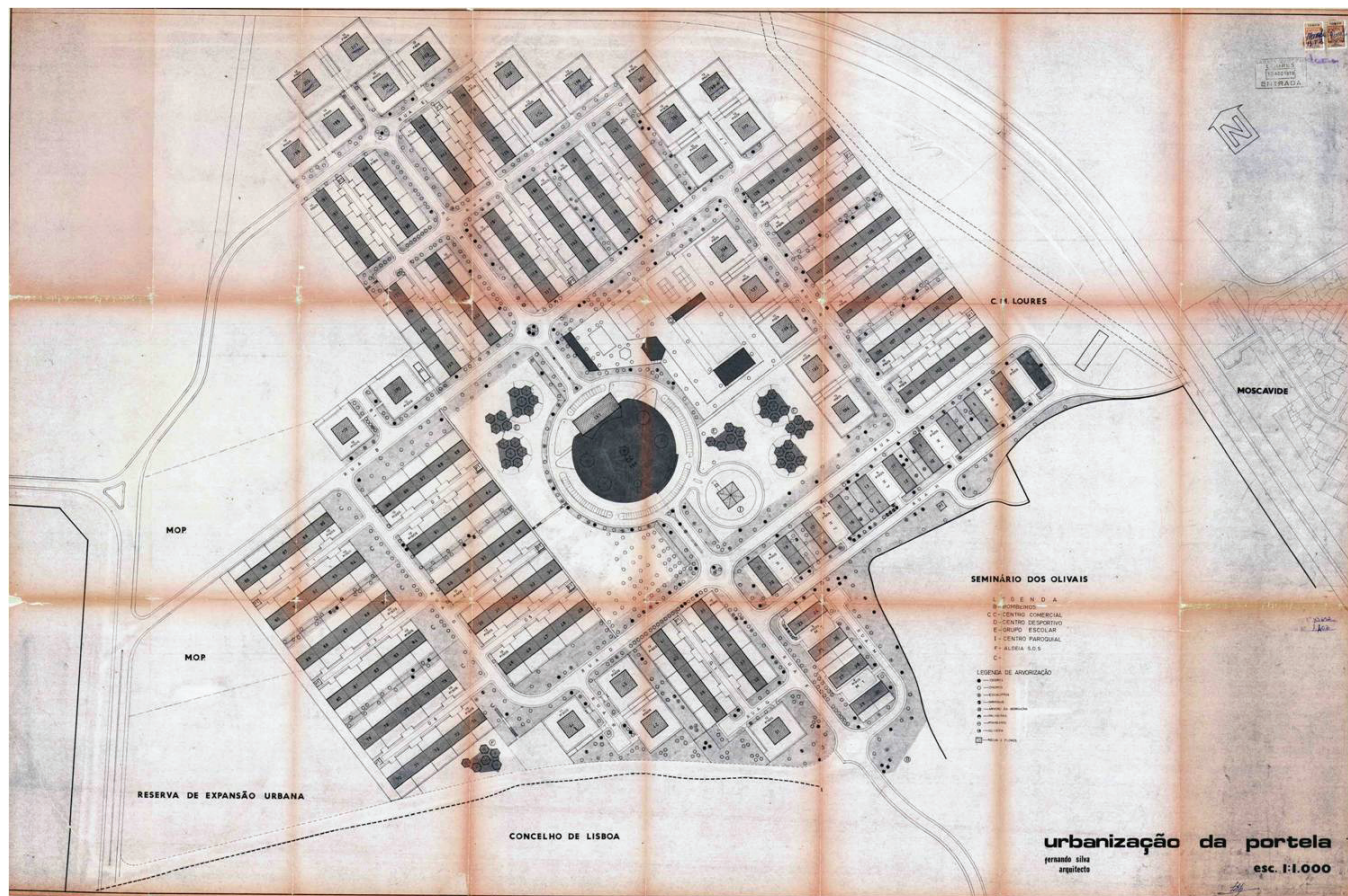
*«pretende-se evitar que os peões atravessassem as vias de circulação auto. Para isso foram consideradas passagens superiores com largura de dois metros situadas nos pontos estratégicos para as ligações entre todos os núcleos e paragens dos transportes colectivos».*²¹



esquemas explicativos da formação do plano de urbanização

As ligações aéreas acima descritas e representadas no ante-plano da Urbanização não se concretizaram, desaparecendo progressivamente das propostas, mesmo aquelas que eram consideradas essenciais, como as localizadas junto das escolas. Esta lógica de ligações aéreas, que permitiam distinguir por níveis os vários tipos de via, descritas pelo arquitecto Fernando Silva, tiveram origem nos projectos de expansão de cidades nos primeiros anos do século XX, como por exemplo pelos arquitectos Hilberseimer, Richard Neutra (1892 - 1970) ou Le Corbusier ou mais tarde explorados por Alison Smithson (1928 - 1993) e Peter Smithson (1923 - 2003).

²¹ Fernando Silva, memória descritiva da Urbanização da Portela Processo nº 33 692/OCP. Arquivo Municipal de Loures



11. Plano da Urbanização da Portela, 1969

Os edifícios foram construídos com grande rapidez, através de um sistema de modelação que facilitaram a sua construção. A concepção funcional e arquitectónica basearam-se no sistema de estruturação laminar, que é económico e rentável.

As técnicas modernas, com base na sistematização dos processos construtivos e a utilização dos sistemas construtivos como elemento “gerador” e organizador da forma, foram tomadas como base de origem no desenho de espaços singulares, passando a integrar-se num desejo de racionalidade da construção e como parte de um novo modo de organizar o espaço e as formas.

O desenho de projecto passa a integrar um grande número de peças desenhadas, com explicações detalhadas dos materiais, modos de assemblagem e acabamentos, que segundo a arquitecta Isabel Monteiro eram frequentes nos projectos do arquitecto.

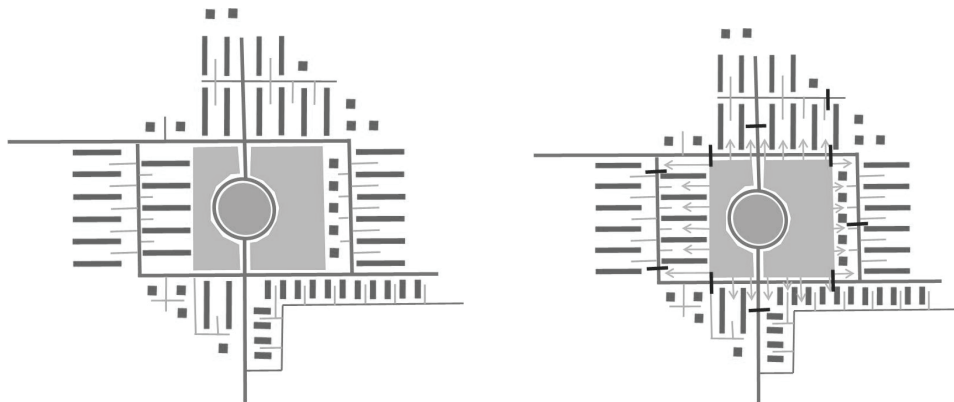
As preocupações com a racionalização da construção em grande escala passaram a fazer parte do trabalho do arquitecto e são visíveis, sobretudo, ao nível da estrutura construtiva, distributiva e formal, aliás já comprovados anteriormente, por exemplo, com a construção do Hotel Sheraton (1962-1972), que impôs uma nova escala à cidade de Lisboa. A lógica do sentido estrutural do edifício passa não só a fazer parte do processo de “racionalização” construtiva com vista á economia, como também da maximização funcional e expressão formal.

São de salientar as relações fundamentais geradas pela relação do edificado com a parcela de terreno onde se localiza, o espaço exterior, a concepção estética e princípios formais, os materiais de construção e elementos que constroem a sua identidade arquitectónica.



Tipologia e orientação do edifício²²

A urbanização constitui-se por um sistema de edifícios tipificados, seguindo nove projectos-tipo colocados no território segundo uma malha ortogonal e sempre perpendiculares à rua principal de circulação automóvel que envolve a zona central da urbanização, sendo sete tipologias dispostas em banda e duas tipologias de torre.



esquemas explicativos da formação do plano de urbanização

Destacam-se dos restantes, o conjunto formado pelos lotes 1 a 30, que apresentam uma arquitectura com regras diferenciadas devido às exigências estipuladas pelo Seminário dos Olivais contíguo a este conjunto.

²² No trabalho teórico de Débora Félix pode se verificar as referências a algumas das principais obras do arquitecto Fernando Silva e onde são analisadas as suas tipologias, este trabalho foi realizado no mesmo âmbito do que aqui se apresenta.



“Foram devidamente consideradas as observações e satisfeitos os desejos de isolamento e protecção das vistas do exterior. Nesta conformidade as construções das zonas próximas foram previstas com a menor altura possível e sempre perpendiculares ao muro do seminário.”²³

Os blocos são altos e estreitos e elevam-se sobre uma plataforma que abrange toda a largura do lote, com profundidade suficiente para constituir na sua cave o estacionamento necessário ao edifício, que ficou definido por um veículo por apartamento. A ventilação do parque subterrâneo é possibilitada pela construção das floreiras, que são o elemento que estabelece o limite do lote. No seu interior, os edifícios organizam-se em volta de um núcleo vertical de escadas e elevadores, seguindo um frequente esquema de direito/esquerdo que se repete ao longo dos vários pisos. Todos os lotes em banda tinham no seu projecto o piso de entrada vazado, estando apenas prevista a sua ocupação com instalações do porteiro e de serviço do prédio, «não podendo a área ocupada exceder 50% da área dos pavimentos em elevação.»²⁴

As torres estão assentes numa plataforma quadrangular delineada por uma linha de floreiras que estabelecem o seu limite, estão situadas mais perto das áreas verdes ou nas zonas limítrofes da urbanização, organizam-se em torno de uma coluna central de acessos verticais com elevadores e escada, onde surgem por piso geralmente quatro apartamentos. As comunicações verticais funcionam em relação directa com os elevadores que fazem a distribuição pelos diversos pisos dos edifícios.

²³ Fernando Silva, memória descritiva da Urbanização da Portela, Processo nº 33 692/OCP. Arquivo Municipal de Loures

²⁴ Idem



12. Maqueta dos edifícios da Portela

A coluna vertical de acessos assume-se como um elemento de composição e clarificação estrutural.

As fachadas dos blocos e das torres são constituídas por lâminas contínuas de vãos, possibilitadas pela estruturação do edifício. A afirmação das grelhagens nas fachadas passa, assim, a constituir-se como um elemento essencial de composição. Afirma-se como um dos recursos de fundamentação do desenho moderno. No caso da habitação, as grelhas passaram a utilizar-se como meio de ventilação e protecção das áreas de serviço, como a cozinha. São também associadas a espaços exteriores de varanda e estabelecem um valor plástico ao edifício.

Para além dos desenvolvimentos técnicos, associados ao emprego do betão armado (sendo utilizada essencialmente a técnica de cofragem em túnel²⁵), as preocupações com a racionalização da construção são também visíveis ao nível da normalização dos materiais de acabamento ou pormenores, como por exemplo nos caixilhos, entre outros. São exemplo disso o uso da pastilha de vidro (tipo Evinel) que, nesta época, se declarou através de uma produção em massa e que passou a estar presente na arquitectura moderna portuguesa, constituindo-se como uma das suas características. Actualmente, a pastilha utilizada nas empenas dos edifícios da Portela foram cobertas por superfícies impermeáveis que as fizeram perder a sua expressão plástica, brilho e luminosidade.

²⁵ A utilização deste sistema permitia reduzir o tempo de colocação dos moldes e betonagem, impondo rotação diária de equipamento; exigia uma mão-de-obra preparada e treinada no estaleiro, repetindo as mesmas operações pela mesma ordem, diariamente. Substituição da base de tijolo sem função estrutural, e com aumento de carga morta, por parede de betão cumprindo a função divisória, e ao mesmo tempo elemento estrutural resistente. In. Memória Descritiva dos engenheiros de betão Nuno Patrício e Boadita Ferrão em Junho 1977.



13. Igreja do Cristo-Rei, Luiz Cunha

Relativamente aos equipamentos pretendia-se que todos fossem exclusivamente usados pelos habitantes da Urbanização da Portela, «*de Moscavide, não interessará o aliciamiento da sua população. Sem preconceitos sociais, mas apenas para ressalva do nível preconizado para o plano*»²⁶. Para isso, foi criada uma organização associativa que ficou responsável por regularizar todo o funcionamento dos equipamentos, bem como dos espaços verdes. O arquitecto apelava a um espírito de cooperação para que se pudesse proporcionar um espaço agradável e com um funcionamento que dependesse da própria utilização diária por parte dos habitantes do bairro.

Dos equipamentos contemplados no plano destacam-se a igreja do Cristo-Rei (1982-1988) projectada por Luíz Cunha (n.1933), apenas concluída em 1992, tendo sido dada uma atenção especial à criação de espaços e estruturas de acolhimento e convívio que ainda eram escassos na zona da Portela. O complexo do Cristo-Rei, possivelmente por ter sido construído após a concretização da prevista “unidade do conjunto”, permitiu através da sua forma antagónica, prevaleceu e destacou-se, tornando-se uma referência no meio de uma arquitectura austera que só depois de concretizada na sua totalidade permitiu o surgimento deste novo edifício.

Sendo o principal aglutinador desta colectividade, a igreja do Cristo-Rei tornou-se um ícone na urbanização. Segundo José Manuel Fernandes (n.1953) é na igreja que está o pólo dinamizador de toda a urbanização que, com a sua existência, se torna «dinamizadora de um subúrbio monótono, feito de blocos e centro comercial.»²⁷, designando esta

²⁶ Fernando Silva, memória descritiva da Urbanização da Portela, Processo nº 33 692/OCP. Arquivo Municipal de Loures

²⁷ José Manuel Fernandes “Lisboa no século XX”, in MOITA, Irisalva. “O Livro de Lisboa”, Lisboa: Livros Horizonte, 1994

arquitectura como uma arquitectura de subúrbios carente de equipamentos, tornando explícito um juízo de valor sobre este tipo de arquitectura desenvolvido por Fernando Silva. Demonstrou-se mais uma vez o sentido crítico dos arquitectos relativamente à obra do arquitecto Fernando Silva que foi forçado a criar um modelo de resposta a uma arquitectura comercial/capitalista.

Anteriormente já havia sido criticado por Nuno Portas (n.1934) quando foi vencedor do prémio Valmor de Arquitectura em 1978 com o Edifício da Rua Maria Veleda, pela excessiva repetição de forma que tornou a sua arquitectura desinteressante²⁸, segundo Portas.

Os equipamentos comerciais (serviços) seriam constituídos por um principal²⁹, no centro da malha urbana, completado por um conjunto de quatro pequenos centros secundários previstos para cada núcleo (não construídos). Foram estes os equipamentos de serviços que acabam por prevalecer no plano de urbanização, substituindo uma mesma lógica que existia nos Olivais Norte (1959 – 1962) mas no sentido da existência de um centro cívico com resposta para as necessidades sociais da população, incluindo escolas, biblioteca, lojas, etc.

Na Portela, estas zonas exclusivamente comerciais de serviços são as únicas a serem realizadas conforme o projecto do arquitecto Fernando Silva. Possivelmente pela falta de capacidade dos meios públicos de concretizarem os equipamentos previstos e, neste

²⁸ Segundo declarações de Nuno Portas ao Jornal “A Capital” de 27 de Janeiro de 1978, p.8

²⁹ Centro Comercial da Portela, inaugurado em 1975

caso, por exemplo, os investimentos privados conseguirem mais rapidamente concretizar o plano.

Os três equipamentos escolares foram pensados com base na população estimada, sendo calculadas as distâncias percorridas pelos habitantes de casa até à escola, apesar de, na realidade, estes equipamentos terem ficado longe das expectativas preconizadas para o plano, concretizando-se apenas pavilhões pré-fabricados em situações precárias e que actualmente já não tem a mesma função.

Os equipamentos de lazer, como a piscina, ginásios, campos de ténis, futebol, etc., construídos mais tarde, garantiram à população uma vasta oferta desportiva sem haver a necessidade de recorrer a deslocações para o exterior da urbanização.

O Centro Comercial (1975), a Igreja de Cristo Rei, o Parque Desportivo da Associação dos Moradores, o Seminário dos Olivais, os Jardins Almeida Garrett e das Descobertas, e as novas Piscinas da Portela (2008) são hoje elementos de referência para todos os moradores do bairro³⁰, segundo os mesmos. Nestes elementos estruturantes pode-se perceber o sentido colectivo que ainda hoje existe.

O palácio do Seminário dos Olivais³¹, contíguo à urbanização, contém uma extensa área verde desta Freguesia. O seu jardim foi anteriormente aberto à população e muito utilizado pelos moradores do bairro, como nos referiram alguns habitantes. Actualmente, estes jardins estão encerrados ao público.

³⁰ Segundo os mesmos, através do inquérito realizado à população entre os dias 19 e 30 de Julho de 2010 em colaboração com a Junta de Freguesia da Portela.

³¹ Inaugurado no dia 24 de Outubro de 1931, o seminário do Críto-Rei foi construído no local onde se encontra e era ladeado apenas por áreas agrícolas e quintas que serviam a cidade de Lisboa.

A relação do plano com a Carta de Atenas

A Carta de Atenas - documento que sofreu inúmeras interpretações ao longo do século, constitui a matriz das políticas económicas e de gestão urbana da Europa do Pós-Guerra.

Com este planeamento a cidade passou a organizar-se num universo funcional proposto por Le Corbusier – Habitação, Trabalho, Lazer, Circulação.

Apesar do isolamento internacional em que se colocou o Estado Português, as viagens dos arquitectos ao estrangeiro e a informação especializada intensificam-se. Com a chegada a Portugal das publicações estrangeiras, os arquitectos portugueses tomaram conhecimento do que se estava a fazer pelo resto da Europa e na América. A emergência de publicações sobre arquitectura moderna começou a surgir.

Após a concretização da obra do Cinema São Jorge (1946 – 1950), que recebeu o Prémio Valmor de Arquitectura, o Arquitecto Fernando Silva ganha um novo fôlego dotando-se de uma nova vertente empresarial/industrializada e comercial capaz de projectar com eficiência e rigor projectos de grande escala. Foi nesta altura que o arquitecto recebeu encomendas de investidores estrangeiros, como já havia acontecido com a obra do Cinema São Jorge, o que possibilitou a maximização da sua obra. Ganhou ainda a possibilidade de fazer várias viagens com as obras que envolviam investidores estrangeiros como o Alto da Barra, o Hotel Sheraton ou o Cinema São Jorge. Durante o desenvolvi-

mento das obras do Cinema São Jorge, viajou até Londres³² e deparou-se com uma cidade devastada pela Guerra, onde começavam a surgir grandes complexos habitacionais como é o caso o Barbican (1956-1978) desenvolvido pelos arquitectos Geoffry Powell (1920-1999), Peter (Joe) Chamberlin (1919-1978) e Christoph Bon (1921-1999) um dos maiores projectos desenvolvidos no pós-guerra no centro da cidade de Londres, que atribuem uma nova escala naquela zona da cidade. Com o Hotel Sheraton e a Urbanização do Alto da Barra patrocinadas por promotores Luso-Suecos que consideravam importante dar a conhecer ao arquitecto o que se produzia fora de Portugal³³, foi possível ao Arquitecto Fernando Silva obter experiência e apurar os seus métodos construtivos.

Segundo Rogério Gonçalves, A Urbanização da Portela com base numa lógica clara de relação com a Carta de Atenas, «*obedecendo a princípios mais ortodoxos que os Olivais*»³⁴, revela uma grande simplicidade estrutural, repetição tipológica e a aplicação do principio de zonamento como elemento estruturante do desenho do conjunto. A reticula estrutural que apresenta, assinalada por um centro dedicado às funções sociais de comércio, cultura e lazer, permite algumas variações ao nível da implantação dos edifi-

³² Segundo Isabel Monteiro in Isabel Monteiro, «A obra do arquitecto Fernando Silva (1914-1983): um arquitecto da "geração esquecida"», Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2007

³³ Segundo Isabel Monteiro in Isabel Monteiro, «A obra do arquitecto Fernando Silva (1914-1983): um arquitecto da "geração esquecida"», Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2007

³⁴ Rogério Gonçalves, "Fernando Silva – Arquitectura Desinteressante e Repetitiva" in Documentos de Arquitectura, número 1, Fevereiro de 1996

cios. Os espaços verdes que unificam o conjunto contribuem, em sintonia com a rede viária, para uma autonomia dos edifícios.

Neste período e percorrendo a Carta de Atenas, verificou-se que a ideia de habitação é parte integrante de toda a lógica de composição do espaço urbano. O arquiteto/urbanista torna-se o grande perito do “novo território”. Concebido como um todo unitário, atingiu-se um novo equilíbrio ao nível territorial, só possível nesta época de expansão.

Estudos complementares de correcção do plano envolvendo a autarquia e as entidades afectas ao plano. Alterações na execução do plano³⁵

Após a aprovação do ante-plano e das devidas apreciações pelas entidades envolvidas ou influenciadas pela construção da Urbanização da Portela, procedeu-se a uma adaptação das opções tomadas inicialmente. É exemplo disso a zona envolvente ao Seminário dos Olivais, contíguo à urbanização, onde o Patriarcado de Lisboa não permitiu a construção de edifícios de grande altura de modo a não perturbar a privacidade deste seminário. Assim, os lotes 1 a 30 ficaram sujeitos a aprovação de licenciamento após a apreciação do Seminário, sendo de verificar as suas cerceas, distintas ao contexto da urbanização, com quatro pisos e dispostos perpendicularmente em relação aos limites do seminário.

Foram também reformulados vários acessos viários que poderiam por em risco a virtuosidade da urbanização, como foi o caso da supressão da ligação directa à Estrada Nacional 6 (EN6) que, segundo o Gabinete de Transportes Terrestres, poderia constituir-se como elemento «*perturbador de aliciamento de tráfego de passagem*».³⁶ Mais tarde, com as obras de infra-estruturação derivadas da realização da EXPO'98, na zona Oriental de Lisboa, foram criadas várias vias de acesso nas zonas limites da urbanização,

³⁵ As informações e dados constantes neste capítulo são baseados na investigação realizada no Arquivo Municipal de Loures, no Processo da Urbanização da Portela com o nº 33 692/OCP

³⁶ Fernando Silva, memória descritiva da Urbanização da Portela, Processo nº 33 692/OCP. Arquivo Municipal de Loures

acabando por se construir a ligação à EN6 com total desrespeitando os princípios impostos no plano de urbanização da Portela.

Apesar das esperanças que o regulamento de Urbanização da Portela criou em relação à manutenção da necessária disciplina para a correcta efectivação do empreendimento, continuaram a verificar-se graves desvios ao que, inicialmente estava determinado.

Em Abril de 1972 foi solicitado por José Maria Gonçalves, que adquiriu a Manuel da Mota alguns lotes da urbanização, alterações aos projectos iniciais, afirmando que estes projectos não satisfaziam as necessidades dos seus habitantes e que a unidade do conjunto não sofreria com as alterações propostas. É disso exemplo a proposta do requerente para adicionar aos vãos de janela cantarias, de forma a quebrar a relação directa com o betão e trocar na zona das cozinhas as grelhagens das fachadas por marquises, afirmando que as mesmas alterações podiam ser encontradas em diversos edifícios na cidade de Lisboa, não impedindo que estes fossem classificados como habitações de alto nível.³⁷

A Associação de Moradores (criada em 1975) vê-se obrigada a intervir junto do então Ministro da Administração Interna, em Janeiro de 1978, por carta³⁸ de forma a esclarecer alguns procedimentos menos correctos efectuados/permitidos pela autarquia. São desta forma enumerados os vários problemas identificados pela associação de moradores: a

³⁷ José Maria Gonçalves, carta dirigida a Manuel da Mota em 07/04/1972, Urbanização da Portela Processo nº 33 692/OCP. Arquivo Municipal de Loures

³⁸ Associação de Moradores da Portela, carta dirigida ao Ministro da Administração Interna em 12/01/1978, Urbanização da Portela Processo nº 33 692/OCP. Arquivo Municipal de Loures

construção dos lotes 198 a 205, em terrenos inicialmente destinados à construção de um equipamento escolar e sem alvará destinado a habitação, as condicionantes que o aumento de população poderiam gerar, tendo sido elaborado o plano com outros fins, a existência de uma construção insalubre que destoava do conjunto e acolhendo uma taberna e uma mercearia, a abertura de armazéns independentes nas garagens dos edifícios, com fins comerciais nos lotes 123, 128 a 133 e 178, que não estavam aprovadas no plano para fins e estacionamento comuns dos condomínios.³⁹

Contudo, ainda é hoje notória a incapacidade dos serviços camarários de manterem a unidade desejada para o conjunto, permitindo a construção de edifícios que não estavam incluídos no plano e que se ficaram “à margem” dos princípios da Urbanização, como por exemplo o lote 257 ou os condomínios privados gerados no limite norte, nos anos 90 do século XX.

Foram implantados edifícios, como por exemplo o lote 207, em substituição dos lotes 207, 208 e 209 (anteriormente planeados como torres de habitação integradas no plano). Este edifício foi projectado segundo uma lógica de quarteirão, não respeitou integralmente o pretendido para a Urbanização, embora respeite, no entender dos seus projectistas, o estilo arquitectónico da urbanização. O edifício é constituído por 48 fogos, distribuídos por 4 pisos e funciona segundo um esquema de condomínio fechado.

No entanto, actualmente também se verifica que a maioria dos edifícios em banda optou por encerrar os espaços de passagem ao ar livre no piso térreo, alguns até atribuindo outras funções e limitando os espaços exteriores de logradouro por cancelas ou portões.

³⁹ Fernando Silva, memória descritiva da Urbanização da Portela, Processo nº 33 692/OCP. Arquivo Municipal de Loures



3. O Arquitecto Fernando Silva ⁴⁰

Relação do arquitecto com o projecto e a execução da obra

Durante a construção foram inúmeras as cartas de Fernando Silva dirigidas ao Presidente da Câmara Municipal de Loures demonstrando a sua indignação pelo desrespeito pelo projecto e respectivo Regulamento de Urbanização da Zona da Portela. Este regulamento foi criado pelo arquitecto a pedido do Presidente da Câmara⁴¹, de modo a estabelecer claramente as regras para que não houvessem desvios na forma de concepção dos edifícios projectados. Todavia, em Fevereiro de 1972, depois de se constatarem os infundáveis incumprimentos, foi nomeado o Arquitecto Pratas Vieira, a quem são confiadas as funções de fiscalizar e denunciar todas as alterações que prejudiquem a unidade do conjunto.

No entanto por incapacidade de intervenção dos serviços camarários ao longo dos tempos, foram sendo construídos alguns desvios ao plano original, não sendo possível mais tarde actuar de forma a repor o que deveria ter sido executado inicialmente.

⁴⁰ Para pormenores mais detalhados sobre a obra do arquitecto Fernando Silva consultar o trabalho realizado por Salvador Menezes concretizado no mesmo âmbito deste trabalho.

⁴¹ Joaquim Dias de Sousa Ribeiro (pres. C. M. Loures), acta de reunião camarária de 21 de Fevereiro de 1972



14. Alto da Barra, Oeiras

Outros conjuntos projectados pelo arquitecto F. Silva contemporâneos à Portela Sassoeiros (1961-1975) e Alto da Barra (1961-1975)

No final da década de 60, contemporâneos à Urbanização da Portela surgem outros planos de urbanização também de autoria do arquitecto Fernando Silva. O Alto da Barra (1961-1975) e os Sassoeiros (1961-1975) ambos no concelho de Oeiras, são também dois planos urbanísticos de referência na obra do arquitecto, que são modelo de uma expansão periférica⁴², que se desenvolveu nos 60-70 do século XX.

Proporcionados pelo planeamento massificado do investimento privado e pela dimensão que os protagonizava, estas urbanizações previam a construção de equipamentos e serviços, que lhes seriam úteis e as tornavam, de certa forma, quase independentes. Ficou a ideia de criação de projecto de “cidade-satélite”, direccionada, nestes casos, para classes médias/altas. Construções massificadas pelos poderes económicos, somente possíveis de concretizar, na época, através dos promotores privados.

O plano de Urbanização do Alto da Barra (1962-1975) localiza-se no concelho de Oeiras, junto à estrada da marginal na designada Costa do Estoril. A sua localização privilegiada e muito próxima da capital, usufrui de uma vista esplendorosa sobre a foz do rio Tejo bem como da proximidade das zonas balneares da “linha” de Cascais. O que proporcionou a esta urbanização uma enorme valorização, vocacionada essencialmente para uma classe média/alta.

⁴² Consultar o trabalho teórico desenvolvido por Bruno Ferreira que dá início à pesquisa e procura de um modelo para a periferia, realizado no mesmo âmbito deste trabalho.



15. Sasseiros, Oeiras



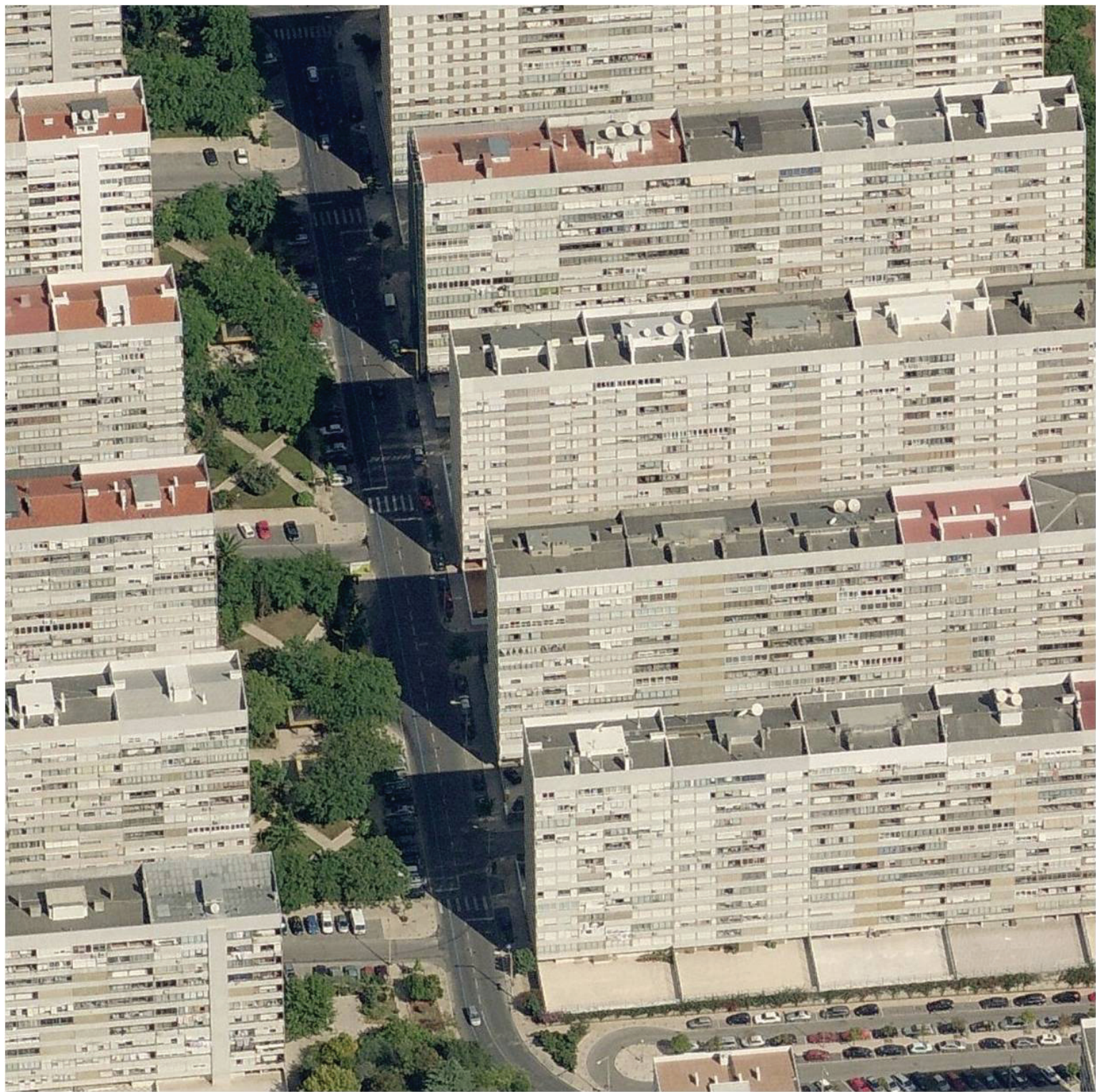
16. Alto da Barra, Oeiras

Na concretização do plano foram várias as condicionantes para o seu desenvolvimento, como por exemplo as exigências do Ministério do Exército, responsável pela zona de reserva militar contigua à urbanização, que exigia uma servidão de vistas sobre o território.

Durante o processo de projecto foram várias as alterações concretizadas na execução dos edifícios previstos para a urbanização. A zona comercial pretendia ter o principal objectivo direccionado para o apoio social e comercial com destino aos habitantes da área e das zonas limítrofes. Ultrapassados todos os processos de aprovação do plano, foram projectados seis edifícios com entrada própria, assentes sobre pilotis, possibilitando o vazamento do rés-do-chão e o acesso aos espaços verdes e de circulação entre os blocos numa ligação directa.

O plano de Urbanização dos Sasseiros (1961-1975) é o plano urbanístico que mais semelhança tem, na sua forma, com a Urbanização da Portela. A criação de edifícios tipo que se colocam e repetem numa estrutura ortogonal delineada por uma estruturação viária, com origem numa referencia central onde se propunha, tal como na Portela, a construção de um equipamento comercial, que neste caso nunca se verificou.

No entanto, a urbanização dos Sasseiros perdeu na criação da sua identidade quando o projecto foi abandonado pelo Arquitecto Fernando Silva e foi retomado por outros técnicos. Passa a coexistir as variações de fachada com os terrenos vagos dos edifícios que não chegaram a ser concretizados. Comparativamente com este caso de estudo, a urbanização da Portela conseguiu respeitar de uma melhor forma os objectivos do arquitecto e do promotor, conseguindo destacar-se pelo seu conjunto unitário.



4. O bairro da Portela de Sacavém hoje. Atmosfera Urbana

Interpretação dos habitantes sobre as características racionalistas do bairro

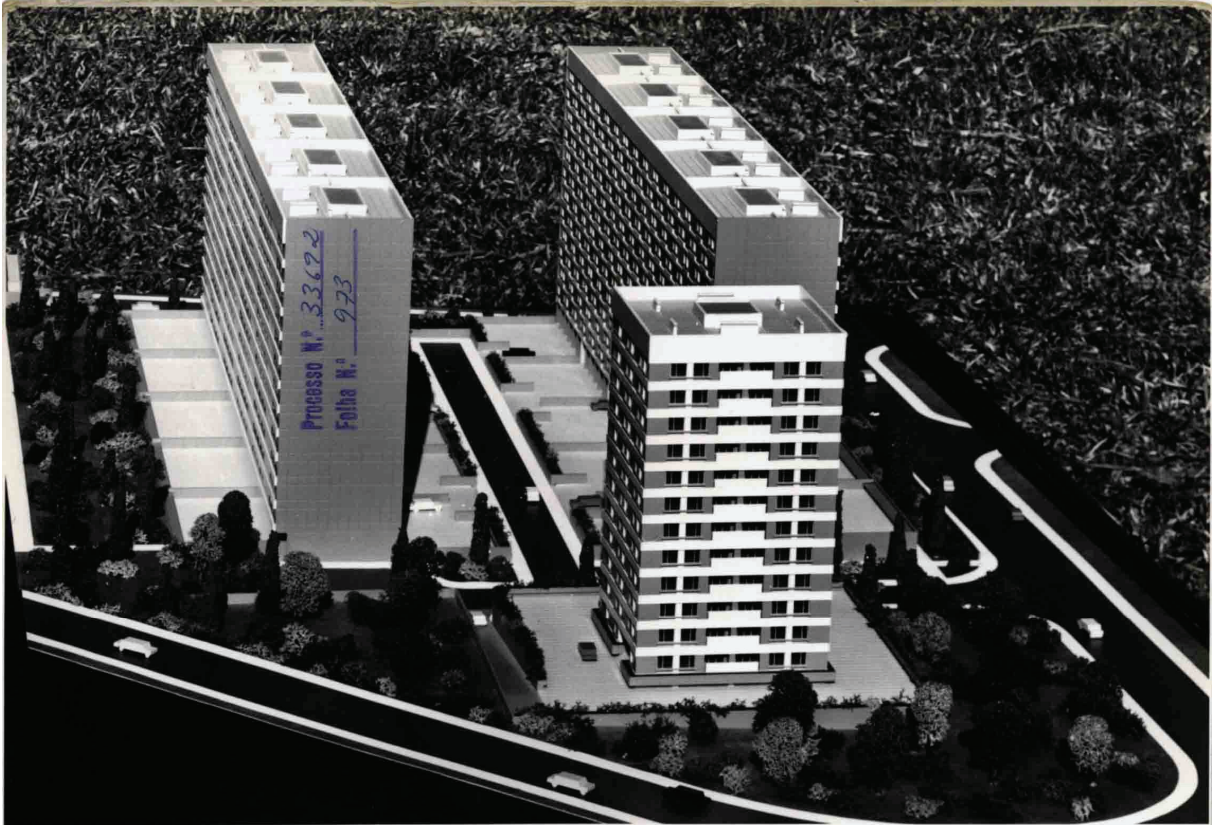
Vista por muitos como «caixas de fósforos»⁴³, a Urbanização da Portela apresenta-se no panorama nacional do urbanismo como uma *Optimist Suburbia* – uma periferia perfeita. Não tendo chegado aos padrões estabelecidos pelo arquitecto relativamente às suas ideias iniciais, a Urbanização da Portela conseguiu afirmar-se pela unidade erudita do conjunto, formando um ambiente urbano bastante agradável comparativamente com as urbanizações, quer circundantes, quer suas contemporâneas.

«A Portela tem características únicas enquanto bairro e comunidade. Essas características devem ser aproveitadas e valorizadas (...)»⁴⁴

É de salientar nos resultados do inquérito realizado à população em que a totalidade classifica o modo de vida no bairro de Muito Bom ou Excelente, descrevendo a Portela como um bairro calmo. Detectaram apenas alguns problemas a nível da carência de transportes públicos e de falta de estacionamento. Têm ainda a consciência de que habitam um bairro diferenciado na periferia de Lisboa, onde existe uma elevada qualidade de vida.

⁴³ Designação popular atribuída a uma arquitectura com base em formas puras, rectangulares.

⁴⁴ Maria Manuela Dias, Presidente da JF Portela, in Boletim da J.F. Ano VIII - Nr. 57 - Dezembro 2009. Passou a infância e a adolescência em Moçambique (Lourenço Marques), mas em 1974 saiu da ex-colónia, rumo a Portugal. Em 1976 muda-se para a Portela. Segundo Maria Manuela Dias verifica-se que a população (sendo uma elevada percentagem oriunda das ex-colónias) frequenta o Centro Comercial sendo o local, devido à sua centralidade, onde se promove o maior convívio, servindo como ponto de encontro privilegiado. Identifica o bairro como sendo diferente de outras freguesias que o rodeiam devido à sua escala e proporção de habitações comparativamente a outras áreas urbanas.



17. Maqueta dos edifícios da Portela

PORTELA um modelo na difusão da periferia⁴⁵ | *Optimist Suburbia*

Nestas periferias da cidade procurava-se experimentar as novas tendências reflectindo sobre a cidade e o problema da habitação. No entanto

*«extensões e renovações urbanas surgem como mantas de retalhos – não só de feitos arquitectónicos como também dos próprios conceitos de espaço urbano, justapondo-se com frequência traços de tipologias edificadas a espaços adjacentes, funcional e culturalmente divergentes senão opostos»*⁴⁶.

O espaço público urbano deve ser um espaço habitado e, para isso os espaços de acesso residenciais devem constituir o ligante físico e social das edificações envolvidas, articulando edifícios com espaços exteriores e edifícios com edifícios, em trechos de vida colectiva que dão coesão ao território.

A ideia de modernidade, estabelecida através destes projectos, seguindo uma cultura arquitectónica moderna de um novo espírito que se implantou, pertenceu aos ideais de um homem-tipo que correspondia a necessidades e desejos-tipo, repetíveis num espaço tornando-o homogéneo, sendo que, para isso, fosse necessária a existência de um plano urbano coeso, com princípios firmes e que correspondesse a esta “formatação” da população.

⁴⁵ Consultar o trabalho teórico desenvolvido por Bruno Ferreira que dá início à pesquisa e procura de um modelo para a periferia, realizado no mesmo âmbito deste trabalho.

⁴⁶ Nuno Portas, *Arquitectura(s) Teoria e Desenho, Investigação e Projecto, Planeamento Urbano: Morte e Transfiguração*, p.53

Conclusão

Urbanismo e arquitectura serão progressivamente tomados como partes indissociáveis, a que estes arquitectos responderam com um modelo. A questão da escala da cidade até ao m² da casa é resolvida através de um método geral de organização do espaço e da construção, que terá a sua expressão total no Plano. O trabalho do arquitecto passa a ser mais do que resolver o objecto arquitectónico. No fundo, passa a ter a visão de totalidade do ideal Moderno. O envolvimento dos arquitectos modernos na problemática da cidade e da habitação urbana traduziu-se numa mudança radical do seu papel profissional e social, transformando-os nos novos estrategas do território que ainda estava por explorar nas periferias das nossas cidades.

A urbanidade deverá entender-se como uma forma de mentalidade colectiva, cuja existência e desenvolvimento irão produzindo modos de viver, formas de habitar em comunicação generalizada de ideias, interesses, técnicas, pessoas, conhecimentos e informações, enfim, forma de viver participando, abertas à inovação e à transformação, interessadas na variedade e na diversificação.

A percepção urbana exprime-se pela necessidade de viver em conjunto, em territórios, cada vez mais apropriados e integrados. O espaço urbano tem uma influência urbanística e arquitectónica. Não é apenas forma; é forma habitada e organizada, que muda e evolui.

O crescimento urbano da cidade fez-se por uma acumulação de novos bairros que quase sempre surgiram na periferia. Deste modo, a cidade contem manchas, mais ou

menos extensas, e testemunhos pontuais de várias épocas, como nos transmite Collin Rowe e Fred Koetter em “Collage City” (1978).

A Urbanização da Portela é umas dessas manchas urbanas que surgiu na periferia da cidade de Lisboa nos anos 70 do século XX, seguindo influências de conceitos e obras geradas na Europa dos anos 50/60 do século XX, que correspondem a uma conjuntura da época. Tendo sofrido, no seu desenvolvimento, algumas alterações ao longo dos anos não permitindo o respeito “imaculado” do plano do arquitecto Fernando Silva.

Como objectivos básicos procurou-se uma solução: ordenada, pela estruturação das circulações e a posição das diferentes zonas; atraente, pelas vantagens panorâmicas e pelas características estéticas da concepção geral; salubre, dada a condição do local e pela contribuição das zonas arborizadas, distribuídas generosamente de modo a conseguir uma reintegração da natureza e das consequentes valorizações paisagísticas; precavida pelos diversos estudos elaborados nos caminhos de penetração e dos diferenciados circuitos locais, da consulta das diversas entidades; repousante, por razão do recato de cada local e pelo isolamento das zonas habitacionais em relação às vias principais e centros perturbadores; eficiente, por dispor de todo o equipamento urbano necessário em cada um dos sectores, espiritual, recreativo, desportivo e comercial.

PORTELA um modelo na difusão da periferia

BIBLIOGRAFIA

Monografias

AA.VV. **Normas Urbanísticas: Desenho Urbano, Apreciação de planos, Perímetros urbanos**, Lisboa: DGOTDU e UTL, 1991

AGAREZ, Ricardo Costa. **O Moderno revisitado: Habitação multifamiliar em Lisboa nos anos de 1950**, Lisboa: CML, 2009

BENEVOLO, Leonardo. **A cidade e o Arquitecto**, Lisboa: Edições 70, 2006

BENEVOLO, Leonardo. **O último capítulo da arquitectura Moderna**, Lisboa: Edições 70, 1985

CHOAY, Françoise. **Urbanismo**, São Paulo: Perspectiva, 1965

COSTA, João Pedro. **Bairro de Alvalade – Um paradigma no Urbanismo Português**, Lisboa: Livros Horizonte, 2002

CORBUSIER, Le. **Maneira de Pensar o Urbanismo**, Mem Martins, Publicações Europa America 2008

FERNANDES, José Manuel. **Arquitectura Portuguesa – uma síntese**, Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2000

FERNANDEZ, Sérgio. **Arquitectura Portuguesa, 1961-1974**, Portugal: Arquitectura do século XX, Munique: Prestel, 1997

FERNANDEZ, Sérgio. **Percurso – Arquitectura Portuguesa, 1930-1974**, Porto: Editorial FAUP, 2ª edição, 1985

FIGUEIRA, Jorge. **Escola do Porto: um mapa crítico**, Coimbra: Editorial darq, 2002

FIGUEIRA, Jorge. **Agora que está tudo a mudar – Arquitectura em Portugal (2005)**, Lisboa: Caleidoscópio, 2005

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica de la arquitectura moderna**, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A., 1981

- GIEDION, Sigfried. **Espaço, tempo e arquitectura**, São Paulo: Martins Fontes, 2004
- GOITIA, Fernando Chueca. **Breve História do Urbanismo**, Lisboa: Editorial Presença, 2008
- GRANDE, Nuno. **Arquitectura & Não**, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2005
- GUEDES, Patrick. **Cidades em evolução** (tradução Maria José Castilho), Lisboa: Papyrus Editora, 1994
- HEREN, Pere; MONTANER, Josep Maria; OLIVERAS, Jordi. **Textos de Arquitectura de la Modernidad**, Madrid: Nerea, 1999
- HILBERSEIMER, Ludwig. **La arquitectura de la grand ciudad**, Barcelona: Gustavo Gili, 1999
- KRIER, Léon. **Arquitectura, escolha ou fatalidade**, Lisboa: ESTAR- Editora, 1999
- KRIER, Rob. **El espacio urbano: proyectos**, Barcelona: Gustavo Gili, 1981
- LLOBET, Xavier. **Hilberseimer y Mies, La metrópoli como ciudad jardín**, Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 2007
- LYNCH, Kevin. **Boa Forma da Cidade**, Lisboa: Edições 70, 1999
- MAUSBACH, Hans. **Urbanismo Contemporâneo**, Vila da Feira: Editorial Presença, 3ª edição, 1981
- MILHEIRO, Ana Vaz. **A Construção do Brasil – Relações com a Cultura Arquitectónica Portuguesa**, Porto: FAUP publicações, 2005
- MILHEIRO, Ana Vaz; AFONSO, João. **Premio sir Patrick Abercrombie | UIA 2005 [Nuno Portas]**, Casal de Cambra: Caleidoscopio, 2ª edição, 2005
- MOITA, Irisalva. **O Livro de Lisboa**, Lisboa: Livros Horizonte, 1994
- MONTANER, Joseph Maria. **Depois do Movimento Moderno: arquitectura da segunda metade do século XX**, Barcelona: Gustavo Gili, 2001
- PEREIRA, Nuno Teotónio. **Escritos (1947-1996 selecção)**, Porto: FAUP publicações, 1996

PEREIRA, Maria da Luz. **Modelo do sistema urbano à escala de zona urbana**, Lisboa: Gab. Investigações Sociais do Inst. Sup. Economia, 1973

PORTAS, Nuno. **Arquitectura(s) Teoria e Desenho, Investigação e Projecto**, Porto: FAUP publicações, 2005

PORTAS, Nuno. **A Cidade como arquitectura** Lisboa: Livros Horizonte, 2007

PORTAS, Nuno. **Os Tempos das Formas**, Guimarães: Universidade do Minho, 2005

SACK, Manfred. **Richard Neutra**, Barcelona: Gustavo Gili, 1994

SALGUEIRO, Teresa Barata. **Lisboa, Periférica e Centralidade**, Oeiras: Celta Editora, 1ª edição, 2001

TÁVORA, Fernando. **Da organização do espaço**, Porto: FAUP Publicações, 6ª edição, 2006 (1ª edição 1962)

TOSTÕES, Ana (coord.). **Arquitectura Moderna Portuguesa, 1920-1970**, Lisboa: IPPAR, 2003

TOSTÕES, Ana Cristina. **Os verdes anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50**, Porto: FAUP Publicações, 1997

TOSTOES, Ana Cristina (coord.) **Arquitectura Moderna Portuguesa**, Lisboa: IPPAR, 2004

TRIGUEIROS, Luiz; LAND, Carsten. **Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974**, Lisboa: Blau, 2005

VIDOTTO, Marco. **Alison + Peter Smithson. Obras e projectos**, Barcelona: Gustavo Gili, 1997

ZEVI, Bruno. **História da Arquitectura Moderna**, São Paulo: Perspectiva, 2ª edição, 1989

Catálogos

AAVV. **Catálogo da exposição comemorativa do 50º aniversário da criação do Prémio Municipal de Arquitectura**, Lisboa: CML, 1988

FRANÇA, José Augusto. **Os anos 40 na Arte Portuguesa**, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982

MILHEIRO, Ana Vaz (coord.). **Habitar em colectivo: arquitectura portuguesa antes do SAAL**, Lisboa: ISCTE|IUL, 2009

BECKER, Annette (org.); TOSTÕES, Ana (org.); WANG, Wilfried (org.) **Portugal: Arquitectura do século XX**, Munique: Prestel, 1997

Artigos em Periódicos

BOTELHO, José Rafael. **As novas Cidades inglesas**, Binário, nº10, Janeiro 1959, p. 1-14

CARVALHO, Jorge. **Plano de Cidade**, in *Sociedade e Território*, n.º 37, Junho de 2004, [Lisboa: ISCTE], p. 80-83

GONÇALVES, Rogério. **Fernando Silva – Arquitectura Desinteressante e Repetitiva**, D.A., número 1, Fevereiro de 1996

GUERRA, Isabel. **Viver na Periferia**, in *Sociedade e Território*, n.º 18, Abril de 1993, [Lisboa: ISCTE], p. 106-108

OLBRICH, Harold. **A arquitectura e Urbanismo na República democrática Alemã: aspectos e problemas da alternativa socialista**, Binário, nº201, Julho-Agosto, 1975, p.284 – 294

PORTAS, Nuno. **Prémio Valmor de 78, entregue ao bloco de Carnide - Entre louvores e contestação**, jornal “A Capital”, 20 Dezembro de 1979, p.8

SALGADO, Manuel; LOURENÇO, Nuno; SILVA, Madalena Duarte; VELUDO, José; SALGADO, Nuno (mesa redonda). **Recompor as Periferias**, J.A nº209, Janeiro/Fevereiro, 2003, p.57-63

SILVA, F. Nunes de; PEREIRA, Margarida. **Ilusões e desilusões das periferias na área Metropolitana de Lisboa**, Revista de Estudos Urbanos e Regionais, Lisboa: Novembro 1986

Webgrafia

MOREIRA, Pedro, "**Habitação social e pré-fabricação, A herança socialista em perspectiva**", Arquitectos, 014.03 de Julho de 2001, Acedido em 20 de Setembro de 2010, em:
<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/02.014/866>>

Teses académicas

AGAREZ, Ricardo. **Arquitectura de habitação multifamiliar – Lisboa anos 50**, Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2003 [Policopiado]

FERNANDES, José Luís. **Requalificação da periferia urbana. Expansão urbana, forma urbana, na requalificação da periferia de Coimbra**, Dissertação de Mestrado em Desenho Urbano do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 2008 [Policopiado]

FIGUEIRA, Jorge Manuel Fernandes. **A Periferia Perfeita – Pós-Modernidade na Arquitectura Portuguesa, Anos 60-Anos 80**, Dissertação de Doutoramento em Arquitectura, Departamento de Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2009 [Policopiado]

GONÇALVES, José Fernando. **Edifícios Modernos de Habitação Colectiva – 1948/61: Desenho e Standard na Arquitectura Portuguesa**, Programa de Doctorado: Projectos Arquitectónicos da UPC - Department de Projectos d'Arquitectura, 2009 [Policopiado]

LOURENÇO, Ana Cristina. **Olivais e Telheiras: Marcos do movimento moderno na expansão de Lisboa**, Dissertação de Mestrado em Desenho Urbano do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 1999 [Policopiado]

MONTEIRO, Isabel. **A obra do arquitecto Fernando Silva (1914-1983): um arquitecto da "geração esquecida"**, Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2007 [Policopiado]